

ONÉSIMO SILVEIRA

*consciencialização
na literatura
caboverdiana*

1963

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

LISBOA

TÍTULO: Consciencialização na Literatura Caboverdiana

AUTOR: Onésimo Silveira

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Série Ensaio. Lisboa 1963

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 501/14

Apoios Institucionais:



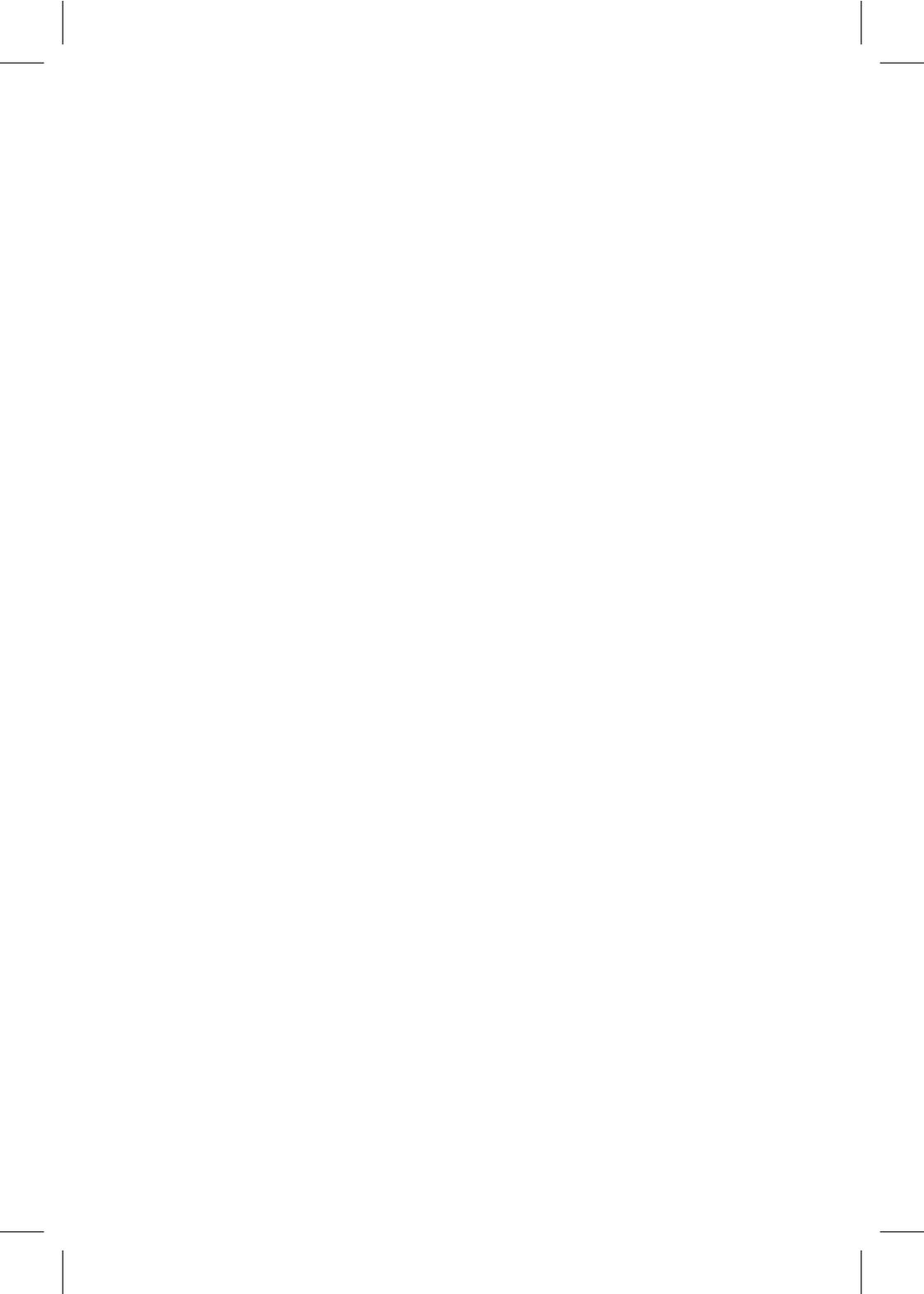
ONÉSIMO SILVEIRA

*consciencialização
na literatura
caboverdiana*

1963

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

LISBOA



À memória de Pedro Cardoso — cujo exemplo de caboverdianidade se nos impõe, a nós, os mais novos «Filhos da Terra», seguir quotidianamente.



SUMÁRIO

I

INVIABILIDADE DO PROSSEGUIMENTO EM CABO VERDE, DO MOVIMENTO CLARIDOSO:

- a) Caracterização geral do Movimento Claridoso;*
- b) Inadequação do Movimento às realidades sociais do Arquipélago.*

II

APARECIMENTO DE UMA LITERATURA DE REIVINDICAÇÃO PARA-AFRICANA:

- a) Integração dos problemas de Cabo Verde na problemática geral africana;*
- b) O surto de uma consciencialização autêntica e sua manifestação literária: Novos Rumos.*



I

Não foi, de modo algum, em vão que escolhemos para tema do nosso ensaio o da consciencialização na literatura caboverdiana. Justificamo-nos: o surto de actividades culturais que parcelam aquilo a que hoje se vai chamando, com insistência, literatura angolana, levar-nos-ia a trazer à tona um complexo de circunstâncias relativas à actividade cultural em Cabo Verde, por julgarmos conter esta algo de útil para a definição de uma literatura angolana, tomada no sentido concreto da palavra, e não no seu sentido abstracto e geral, como infelizmente vem sucedendo.

A trajectória da literatura caboverdiana, com ponto de partida situado na década de trinta e definido pelo Movimento Claridoso, impõe-nos a nós os mais modernos cavadores da literatura insular, o problema de definir, em palavras claras e insofismadas, e através de uma literatura verdadeiramente funcional, uma consciencialização com raízes no húmus étnico-social caboverdiano. Esta consciencialização, e só ela, pode, quanto a nós, situar regionalmente a mesma literatura e atribuir-lhe merecimento para participar, ainda que muito modestamente, no amplo ressurgimento que caracteriza o dobrar da primeira metade deste século, com uma parcela ideológica autêntica e actual.

Partindo do princípio, tão fundamental quanto axiomático, de que nenhum empreendimento à escala mundial pode dispensar um elevado sentido de responsabilidade por parte dos seus participantes, é evidente que toda a literatura do nosso tempo terá de ser, em todas as suas dimensões, consciente para que corresponda à referida funcionalidade.

Demonstraremos, ao longo deste trabalho, que a literatura caboverdiana, estando profundamente ferida de inautenticidade, não traduz nem produziu uma mentalidade consciencializada e daí se ter tornado, como não é difícil verificar, em título de prestígio da elite que a vem encabeçando e não em força ao serviço de Cabo Verde e suas gentes.

Ora, hoje que é mais do que nunca imperativo definir-se, numa terra como Angola, uma consciencialização autêntica, étnica e culturalmente, temos para nós que uma literatura de exportação como a criada pelo Movimento Claridoso, pode, pelos efeitos enganosos que comporta, constituir séria e fecunda advertência a quantos, aqui, se dedicam à missão literária pensando unicamente em si mesmo e postergando, em consequência de tal pessoalismo, as aspirações irreversíveis dos povos que compõem a paleta social desta terra africana.

Uma das raízes do Movimento Claridoso é a que o liga ao processo social geral a que as Ilhas sempre estiveram submetidas e ao aspecto particular e lógico da instrução como elementos do referido processo.

O Seminário-Liceu de S. Nicolau, estabelecimento escolar mais preponderante em Cabo Verde até ao primeiro quartel deste século, infundindo nos componentes desse

grupo uma cultura fortemente europeia e europeizante, será, ao mesmo tempo, a gênese do Movimento e a longo prazo a causa da sua falência. A erudição aí ministrada era mais literária que científica. Na parte literária mais atendia ao estudo do formalismo gramatical e da estilística das línguas que aos pensamentos de que estas são depositárias. Esta preocupação, junta ao estudo de uma filosofia cristalizada e incompatível com o aprendizado de critérios de livre exame, conduzia a uma mentalidade retoricista, de comprazimento em subtilezas verbais, de que não viriam a estar isentos até os elementos mais bem dotados.

Assim imbuídos duma erudição que não tinha em conta as realidades sócio-culturais do Arquipélago, foram-se distanciando das massas de que inicialmente faziam parte e impregnando-se de um complexo de sedimentos de saberes que, pela sua força de expansividade e correlativas possibilidades de aceitação, muito contribuiriam para esse afastamento do povo, embora se servindo deste para as suas criações literárias de fundo pretensamente telúrico.

Tal distanciamento é, quanto a nós, um dos aspectos «contraditórios» da chamada ascensão do mestiço, à qual se liga uma concepção egotista do saber que deste faz mais um ornamento e um motivo de êxito individual, que instrumento posto ao serviço da colectividade, na acepção real do termo.

Por isso é que o enraizamento tentado pelos componentes do grupo resultou numa atitude literária inoperante. Isto, em consequência de não se terem esses homens apercebido de que o enraizamento da literatura caboverdiana era impossível sem a consciencialização, entendida esta como intervenção no processo social, quer no momento da criação literária quer no momento da acção prática. Ao tratar aspectos da vida caboverdiana, tinham uma sensação ilusória de cravar as unhas na realidade circundante, mas jamais

outra coisa fizeram senão raspar à superfície dos problemas do ilhéu.

Uma das notas dominantes da literatura criada por este Movimento, quer na poesia quer na novelística, foi o evasãoismo. Com esta atitude espiritual propuseram-se os componentes do Movimento exprimir uma dada situação de existência do povo caboverdiano, decorrente do condicionamento geográfico e telúrico do arquipélago, e que conceberam como o drama da evasão do ilhéu. Esta expressão, cunhada pelos claridosos, virá a tornar-se moeda corrente nos meios lisboetas dedicados ao estudo de problemas de Além-Mar. O drama da evasão pretendeu ser a tradução intelectual do problema da emigração do ilhéu. Mas, conquanto fosse um dos principais tópicos do seu programa, em parte não expresso, esses homens não lograram tomar e manter, no plano literário e no da acção prática, as posições necessárias à denúncia desse problema em termos positivos. Focando o drama da evasão, a dualidade «querer partir e ter que ficar» ou «querer ficar e ter que partir» — conforme a filosofia evasãoista de cada um — acabaram por simplificar, arbitrariamente, este complexo problema e por oferecer uma imagem estereotipada do homem caboverdiano, renunciando conscientemente a buscar as raízes psicológicas e sociais do facto emigratório.

Propondo-se exprimir essa situação, faltou no entanto aos claridosos o verdadeiro sentido do povo, isto é, aquele grau de comunhão emocional e intelectual que leva espontaneamente à identificação da consciência individual do escritor com a consciência colectiva das massas. Isto pode ser comprovado, tanto pela análise do conteúdo das suas obras como pelo confronto de suas posições literárias com as que, divergentemente, e até contraditoriamente, adoptaram no seu dia-a-dia social. Aquela análise revela que o evasãoismo é muito menos uma interpretação do drama

real do povo, acochado pela imposição migratória, que o caso individual e subjectivo do escritor avassalado pela frustração resultante do desejo irrealizado de conhecer e viver em meios mais fortemente ocidentalizados que o meio caboverdiano. Esta nossa observação coincide com observação semelhante de Manuel Ferreira quando diz: «Que estará reservado ao anónimo escritor caboverdiano, lá longe, só, ele só, nas «grades da sua prisão»... e, na distância lobrigando os barcos, na rota do mar alto, comunicando-lhe um desejo profundo de querer partir, tendo de ficar?!»

Tanto assim que só se reflecte nas obras dos claridosos o facto da emigração para as Américas e jamais a emigração degradante para terras como S. Tomé e Príncipe, coexistente com aquela, mas que eles escritores nunca desejariam para si mesmo. Só recentemente, um deles, Baltazar Lopes, se mostrou preocupado com o tema desta última emigração, em seu ciclo poético intitulado «Romanceiro de S. Tomé», o qual, não obstante a expressão formal por vezes bela, apresenta uma intenção social bastante difusa.

Torna-se-nos necessário focar que, se é Baltazar Lopes quem no Movimento Claridoso faz uma discreta denúncia do problema da emigração, no seu aspecto especial para S. Tomé, Teixeira de Sousa é, contudo, aquele que procura manter uma linha coerente de estudo sério sobre aquela emigração, com realce para as suas incidências técnicas, nosológicas, económicas e sociais principalmente. Aliás, quanto a nós, essa coerência está intimamente ligada à dissidência que representa a presença de Teixeira de Sousa adentro do grupo, pela matriz ideológica definida de que ele se nutre.

Efectivamente, a sua atitude contrasta com a do «pontífice» do evasionismo, que é o «sacrossanto» Jorge Barbosa. Este poeta, preocupado com uma descrição típica das realidades insulares, jamais fez senão exportar um retrato

social esbatido do caboverdiano, de quem, aliás, nunca ofereceu outra coisa que um enganoso e romântico estereótipo. A evolução deste poeta desnuda sua atitude essencial. Da fase espontânea de livros como «Ambiente» e «Arquipélago», passa à fase decadente de «Caderno de um Ilhéu», em que o leitor exigente é decepcionado pela convencionalidade do tema e o artifício da forma poética. Estamos então perante o que se poderia denominar ultra-evasionismo, esvaziado até daquelas qualidades mínimas que pudesse ter inicialmente

Outra das notas dominantes da literatura criada por esse Movimento é o seu realismo paisagístico.

Não se depara com a preocupação de pesquisar, no plano literário, as coordenadas sociais e o comportamento real do homem caboverdiano como ser traumatizado pelas mesmas coordenadas. Na novelística e na poesia oferecem-nos esses escritores não os dados essenciais da problemática caboverdiana com as suas múltiplas imbricações e sim alguns momentos mais ou menos cristalizados do que é, logicamente, realidade na sequência das intenções que sempre animaram o Movimento; aqueles momentos são, por isso, meros dados paisagísticos flutuando num solo ideológico de relevo incharacterístico.

Esta selecção de elementos pinturescos perante uma realidade eivada de problemas básicos e de importância decisiva para o destino do homem caboverdiano como tal, traduziu-se, em última análise, numa verdadeira fuga à mesma realidade, em que, programaticamente, se propuseram enraizar a literatura das Ilhas. Nisto consistiu sua inautenticidade. Não poderia ser enraizamento nem a descrição dos plácidos e «felizes» jogadores de «ouri», nem a descrição do caboverdiano que sonha com terras distantes ao contemplar o barco de louça que lhe serve de cinzeiro.

A nova geração não pode, por conseguinte, silenciar o facto altamente comprometedor que resulta da atitude estéril dos claridosos perante as grandes crises que, na década de quarenta, trouxeram a morte a milhares de caboverdianos. Agrava esta indiferença o não existir sequer uma cobertura literária desse longo enterro, ainda que contemplativamente, à laia do cortejo descrito por Aurélio Gonçalves, levando Nha Candinha Sena à sua última morada. E tal facto é tanto mais surpreendente quanto é certo que a referida década coincide, de algum modo, com o período de desenvolvimento e consolidação do grupo. Não invalidam a atitude indiferentista a que nos referimos nem «Chiquinho» de Baltazar Lopes, nem «Os flagelados do Vento Leste» de Manuel Lopes. Naquele romance encontramos escassas páginas finais que relatam um esboço de motim ocorrido em período de crise, mas a análise literária nos mostra que o facto narrado não logra inserir-se na tessitura e concepção do romance. «Os Flagelados do Vento Leste» enquadra-se num realismo puramente descritivo, de que está ausente uma intenção social reformista, o que se torna manifesto no carácter derrotista dos ingredientes seleccionados para a composição da personagem colectiva central do romance, que é a família de José da Cruz.

A favor de Manuel Lopes ressalvamos, porém, essa sua obra singular que é «Chuva Braba», romance de intenção social clara, tanto pelo criticismo pertinente à sociedade santantonense, como pela luz que seu epílogo traz à decantada questão evasionista. Esta é, pela primeira vez, posta, não como uma fatalidade e sim como uma razão forte, parada a certa altura do processo geo-social do ilhéu, traduzindo uma situação cuja gravidade outros escritores deformaram, pela implícita solicitação de fuga às raízes do problema emigratório.

O mesmo realismo despreocupado encontramos no enfoque de meios urbanos, como o mindelense. «Pródiga», de Aurélio Gonçalves, pretende ser uma réplica realista ao idealismo ético da parábola bíblica. Se o leitor inquieto logra encontrar, através dos dados da narrativa, uma razão de ser social do comportamento da personagem central da novela, é porque Aurélio Gonçalves se mantém, em seu realismo puramente descritivo ou analítico, fiel aos elementos psicológicos individuais. No fundo, o comportamento daquela personagem não é mais que o resultado de traumatismos decorrentes dos males sociais duma cidade que, sustentada em bases económicas precaríssimas, acabou por se tornar um viveiro de falhados. Falta à novela, por isso, o enquadramento mais complexo de psicologia social que lhe conferisse uma mais completa validade, pela justificação articulada do gráfico que representa o comportamento de Xandinha.

Portanto, não chegou a realizar-se o tópico do programa claridoso que, recentemente, Aurélio Gonçalves assim reformulou: «Necessidade de protestar e de dar o alarme perante uma crise económica, causada pela estiagem, pelo abandono do Porto Grande de S. Vicente, pela sufocação proveniente do encerramento da emigração para a América do Norte».

Uma literatura assim inautêntica, oferecendo ao povo, em vez dos caminhos duma resolução do seu problema, alguns dados só propícios à romantização do mesmo, não pode, lógicamente, conduzir à consciencialização, sem a qual todo o povo se sujeita sempre à perda de sua dignidade, por enfeudalização e conseqüente omissão dos seus anseios, manifestados em reivindicações justas e adequadas à sua participação no concerto universal dos povos.

Em abono da tese que vimos explanando, anotamos que o Movimento Claridoso nasceu e desenvolveu-se sem

que dentro de si fosse possível o despontar duma actividade crítica que propiciasse uma antítese das posições assumidas, evitando até seu claro ambiente arcádico de elogio mútuo. Faltou ao «grupo» uma síntese de ideias, no sentido hegeliano do termo.

Falando de actividade cultural caboverdiana, alguém houve já que nos assinalasse, com intenções críticas, a inexistência duma arte caboverdiana, traduzida plásticamente em pintura e escultura. Se em alguns momentos nos faltou justificação cabal para vácuo tão eloquente, hoje, porém, a análise que vimos fazendo à literatura claridosa leva-nos a atribuir tal facto não à carência de elementos inspirativos para consumação plástica, mas ao que insistimos em caracterizar como ausência de consciencialização na cultura intelectual caboverdiana. Assim, se é relativamente fácil impressionar o leitor estranho às Ilhas pelo descritivo pitoresco, este processo concerteza não traria os mesmos êxitos, adaptado à arte plástica, muito mais susceptível como é de conduzir a uma análise mais próxima das fontes e por isso uma análise mais exigente. Os motivos, humanos ou paisagísticos, tão gratos aos escritores que fundaram a revista «Claridade», não seriam de molde a possibilitar aquele devaneio analítico no fundo do qual se originou a justificação de seus êxitos.

A omissão do homem do grupo de ilhas geográficamente denominado de «Sotavento», que não sendo propostada será de qualquer modo significativa, denuncia só por si a inexistência de identificação que o Movimento pretendeu realizar com a terra caboverdiana. Atendendo a que as ilhas desse grupo são as menos ocidentalizadas, cremos haver razão lógica bastante para atribuir aquela falta de representação ao que se poderia chamar, com toda propriedade, o «barlaventismo» da literatura claridosa, isto é,

a atenção quase exclusiva aos aspectos da realidade cabo-verdiana que, por haverem sofrido uma maior lusitanização, permitiam uma imediata coincidência entre a mentalidade saturadamente europeia dos claridosos e a matéria de observação e anotação literária. Embora Félix Monteiro e Baltazar Lopes se possam considerar destacados etnólogos do grupo, as suas actividades circunscrevem-se, no aspecto ora visado, a pequenos estudos de folclore das Ilhas de Santiago e Fogo. Estudos esses em que não emerge, como não poderia deixar de acontecer num retrato fiel, o drama social de que aquele folclore mesclado jamais deixou de ser um reflexo nítido. E, por estranho que pareça, permanecem um compartimento quase estanque adentro da actividade criadora do grupo, e os elementos deles resultantes não alicerçaram a elaboração consequente de um pensamento ideológico, não diremos expresso, mas vivo e actuante. Caso não tivessem abandonado o esforço de acertar o passo com um mundo mais largo, teria esse pensamento proporcionado ao grupo razoáveis possibilidades de se integrar no movimento das ideias que hoje, directa ou indirectamente, influenciam todo e qualquer intelectual africano.

Particularmente, a clave de denúncia e protesto a que sem dúvida obedeceram os trabalhos como os que integram o n.º 8 de «Claridade», editado em 1959, não resultaria desgarrada no conjunto da revista como tentativa tardia de coerência programática; antes sua virtual eficácia encontraria inteira realização pela inserção no desenvolvimento de uma constante ideológica.

Fora, aliás, na busca dessa actualidade que o Movimento se apercebeu do conteúdo do modernismo brasileiro. Este, contudo, não foi de modo algum a génese do Movimento, como já se tem aventado, apesar de nele ter deixado influências palpáveis.

Uma certa similitude entre o mestiço caboverdiano (em especial o de Barlavento) e o mestiço brasileiro — o nordestino, principalmente — pela comunhão de flagelos sociais idênticos, trouxe sem dúvida aos escritores caboverdianos uma possibilidade de situação do problema ilhéu, nas mesmas coordenadas em que no Brasil, escritores como Jorge Amado, Lins do Rego, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos e outros definiam, numa cobertura literária autêntica, o estádio do homem brasileiro.

Todavia, ainda que os problemas do ilhéu tivessem de situar-se nas mesmas coordenadas das do homem brasileiro, nada nos leva a crer que os claridosos pudessem alcançar êxito nessa caminhada, já que o clima de expressão no Brasil não conhecia as restrições com que se deparava em Cabo Verde. Mais ainda: a mestiçagem que no Brasil revelaria, pela novidade de tema sociológico que implicava, um destacado número de estudiosos, não poderia, de modo algum, determinar, em Cabo Verde, um paralelismo de diretrizes, já que no Arquipélago o mestiço, sem dúvida em percentagem expressiva, jamais gozou do complexo de condições como as que derivavam do facto de o mestiço brasileiro há muito estar entregue ao seu próprio destino.

Isto explica por que da lição dos mestres brasileiros apenas apartaram o realismo pinturesco ou paisagístico, e não o realismo profundo ou de estrutura. É que havia um desfazamento acentuado entre a elite brasileira e a elite caboverdiana: enquanto já havia aquela superado ou, pelo menos, vinha superando a fase de artificiosa aristocratização, condicionada pelo complexo de inferioridade, a elite crioula ainda se achava em plena busca dessa aristocratização; quando no Brasil floresciam movimentos culturais que limitavam o impacto do europeísmo literário a seus aspectos legítimos, em Cabo Verde ainda se estava em pleno processo de europeização literária.

II

Os jovens que viriam a fundar a revista «Claridade» tiveram, como já dissemos, uma formação exclusivamente europeizante. Em suas preocupações literárias extra-escolares seriam levados a contactar com escritores e estudiosos integrados numa cultura mesclada como a brasileira, que sendo europeia nos métodos de investigação científica e filosófica e descrição estética da realidade, não o era já na matéria interpretada e na experiência humana.

Eram, porém, demasiado espessos os estratos de europeísmo na mentalidade dessa geração, para que, repetindo a façanha dos modernistas e regionalistas brasileiros, rompessem as cadeias do inibitivo complexo de inferioridade e atentassem substancialmente nos componentes negróides da cultura caboverdiana. Tal complexo nutria, pois, como terra gorda a referida formação intelectual. Uma mentalidade assim estruturada determinaria que esses homens centrassem seus interesses — no sentido psicológico da palavra — sobre a Europa, inconscientemente deslumbrados com as luzes brilhantes da civilização tecnológica do Ocidente, enquanto África era um eco distante de valores humanos e de cultura. Aurélio Gonçalves reconheceu expressamente o facto que acabamos de apontar, quando disse que em Cabo Verde «existe efectivamente uma tentativa de civilização, muitas vezes gorada pela intervenção de elementos da elite intelectual caboverdiana, nas suas tentativas de europeização, de magnificação».

Focando este fenómeno, apresentou Manuel Lopes um esquema interpretativo segundo o qual seria a literatura caboverdiana uma compensação — na acepção psicanalítica

do termo — das frustrações materiais do povo ilhéu. Suscita-nos este esquema alguns comentários que reputamos fundamentais:

1 — Além de acusarem, como já dissemos, uma nítida fuga aos componentes negróides da cultura caboverdiana, há outro aspecto importante e correlacionado do problema, que se pode e deve pôr, das relações entre o povo e os criadores da moderna literatura caboverdiana;

2 — Posto o problema e analisando-o, quer do ponto de vista das obras literárias criadas pelos escritores, quer do ponto de vista das atitudes que eles como meros cidadãos adoptaram no terreno das questões práticas, constatamos que se porventura ocorre algo semelhante ao fenómeno de compensação, foi o mesmo condicionado muito mais (se não exclusivamente) pelas frustrações pessoais dos indivíduos suportes dos escritores, que por qualquer vivência sincera e profunda das frustrações colectivas. A pretensa identificação mesmo em termos compensatórios seria inconciliável com a referida fuga aos elementos negróides da nossa cultura. Tanto uma coisa como outra mostram que a literatura criada pelos claridosos muito aquém ficou de realizar a identificação entre escritor e povo;

3 — Por conseguinte, o esquema aventado por Manuel deve ser tão sòmente referido à literatura claridosa que não à literatura caboverdiana em geral, porquanto a moderna geração, como adiante melhor esclareceremos, vem construindo uma posição à qual é inteiramente inadequado esse esquema, tomado de per si ou com acrescentos correctivos, pela razão de que o problema crucial que a nova geração se pôs, foi a denúncia das causas económicas e raízes psicológicas das frustrações colectivas e não a mera contemplação destas. O esquema psicanalítico de Manuel Lopes só conduz, projectada a literatura claridosa no plano colectivo em

que deve ser situada como movimento de ideias, à sofisticação do problema de sua compreensão sociológica. Não só o realismo paisagístico era a atitude intelectual que de acordo estava com a aludida fase de aristocratização, mas também escolhendo o ofício de escritor sentiam-se e julgavam-se dispensados de intervir no processo de mudança social, o que se ajustava à mentalidade conservadora, pseudo-reformista, aquela que tinha terreno para germinar na conjuntura em que surgiu o Movimento. Não é outra coisa que justifica o favorável acolhimento que este teve nos círculos dirigentes.

A enorme desorganização com que se depara ao primeiro golpe, numa anatomia do Movimento, poderá, até certo ponto, encontrar suas raízes no terreno económico de que o mesmo emergiu. Todavia, não podemos (nem sequer devemos) admitir a inabilidade dos homens do «grupo», a quem sobretudo se impunha, como primeiro passo para uma consciencialização radical, injectar um húmus ideológico autêntico em tal terreno, opondo deste modo uma negação dialéctica, única via conducente ao advento do condicionamento favorável a uma colheita condigna no porvir.

Para os homens da geração claridosa, «a convicção de uma originalidade regional caboverdiana» significava, no fundo, que é Cabo Verde um caso de regionalismo europeu. Este modo de conceber a realidade cultural e social das Ilhas comporta, no entanto, duas básicas restrições:

1 — Não existiam e hoje, decorridos mais de vinte e cinco anos sobre o advento do Movimento, não existem ainda estudos exaustivos de etnografia, geografia humana, antropologia social e economia, que em seu conjunto constituam uma análise espectral do Arquipélago;

2 — O esfacelamento dos contributos negróides da nossa cultura, de que não restariam, segundo assevera Baltazar Lopes, em «Cabo Verde visto por Gilberto Freyre»,

mais que meros vestígios insignificantes, não tinha por certo o carácter duma imposição pura e simples da natureza, de efeito de cataclismo ocorrido no mundo físico, e sim é o resultado dum processo social bem definido através da história das Ilhas.

Entendemos que o problema decisivo não é o de saber quais as contribuições humanas que predominam nas Ilhas, mas, diversamente, o de tornar o homem comum caboverdiano consciente de seu destino africano e possibilitar-lhe os meios que conduzam à realização autónoma do mesmo destino.

Os jovens da nossa geração pensam que Cabo Verde é um caso de regionalismo africano. Esta inversão dos termos do problema decorre do influxo do renascimento africano, que revitaliza todos os campos de actividade e todos os momentos de espiritualidade do homem negro ou negrificado. Este vem passando da velha atitude de negação de si mesmo para a nova atitude de auto-aceitação integral; esforçando-se por renunciar à mentalidade dolorosamente forjada em cadinho de limitações e imposições que ignoravam sua condição de pessoa humana, procura hoje encontrar as vias do modo de ser autêntico que Sartre definiu no ensaio «Orfeu Negro». A nova geração vem participando deste movimento de ideias, que no fundo envolve um conflito de humanismos. Têm os seus participantes a consciência de que só passando antiteticamente pela revalorização do homem negro ou negrificado e sua dimensão cultural, é possível construir-se uma imagem do homem universalmente válida e elaborar-se um humanismo consequente e autêntico. Porque a essa revalorização se acha dinamicamente ligada a emancipação económica e social das massas para si mesmas inoperantes, é o igualitarismo postulado da nova ética social e da convivência humana a qualquer escala.

A moderna geração vem-se alimentando nesta matriz ideológica, e por isso sabe bem distinguir entre as elites feridas de inautenticidade — floração efêmera duma sociedade decrépita — e as massas depositárias das verdadeiras aspirações da colectividade.

Estruturada uma nova mentalidade em cadinho de mártírios silenciosos e de não pequenas frustrações, teriam de ser novas suas manifestações. Uma nova filosofia da vida determina novos tipos de preocupação intelectual e novos modos de concepção estética da realidade e de integração do homem na literatura como forma particular de linguagem.

A fidelidade ao homem caboverdiano, em suas circunstâncias naturais e dimensões espirituais, levada às últimas consequências, resulta na atitude de reconstrução do enraizamento da cultura intelectual em bases profundas e coerentes. Propõem-se os «novos» fazer da arte literária uma projecção intencionalmente combativa da problemática do ilhéu, em relação a quem se sentem investidos de uma missão que transcende seu destino individual. Porque partem da convicção de que o artista é apenas o homem-cidadão em determinado momento de sua existência total, procuram manter uma coerência monolítica entre as atitudes de alcance prático e as posições assumidas ao nível da criação literária. Esta, de ofício gratuito e sem consequências éticas, torna-se em processo de auto-vinculação em face de valores corporizados cujo respeito se impõe quotidianamente. Esclarecemos, porém, que para nós, é meramente relativa a ilegitimidade da arte desinteressada; entendemos que no presente estágio de evolução do homem caboverdiano (dominado por pesados lastros materiais) não pode o intelectual representante entregar-se à actividade lúdica em que consiste essa arte. Infelizmente não chegou ainda a hora do jogo diversivo.

A integração do homem caboverdiano numa literatura caboverdiana segundo critérios de fidelidade estreme, implicou o problema da utilização literária do principal idioma falado nas Ilhas, ou seja a transposição integral do crioulo que não apenas de seu estilo ou «sabor». A falta ou insuficiência do aproveitamento literário do crioulo vem gorando a expressão artística dos caracteres irredutíveis do homem caboverdiano como realidade singular, sabido como a língua não é só instrumento da vida de relação, de comunicação do pensamento mas também um quadro lógico e emocional de organização da experiência específica decorrente de determinada ambiência física e cultural.

Recentemente, Baltazar Lopes publicou essa obra monumental de linguística científica, que é «O dialecto crioulo de Cabo Verde». E na «Mesa redonda sobre o homem caboverdiano», que, em Julho de 1956, Almerindo Lessa organizou em S. Vicente, demonstrou as possibilidades expressivas do crioulo, fazendo comentários decisivos, dos quais destacamos os seguintes: «O crioulo é uma língua suficiente». «Todos nós que ensinamos português no liceu verificamos que o crioulo já oferece hoje aos alunos possibilidades expressivas. Eu já ouvi à saída de exercícios de matemática e até de filosofia os alunos a discutirem sobre o exercício em crioulo».

Embora tendo dado fundamentação científica ao prestígio de que o crioulo, para desagrado de alguns, goza em Cabo Verde, no entanto mantém-se Baltazar Lopes numa posição puramente teórica, que não se enriquece e dinamiza com realizações práticas, as únicas que, na ordem dos factos, modificam as perspectivas do futuro literário do crioulo.

Só hoje compreendemos a grandeza dos propósitos desse esclarecido patriota que foi Pedro Cardoso, pertencente

à geração anterior à dos escritores claridosos. Seu esforço de dar dignidade literária ao crioulo e libertar seus conterrâneos do complexo de inferioridade ligado ao mesmo e aos componentes negróides da cultura caboverdiana, traduz já, ainda que embrionariamente, a mesma inquietação de autenticidade que domina os da nossa geração. Por isso devemos considerá-lo um verdadeiro precursor, na medida em que, não obstante a incompreensão consciente das elites e o condicionalismo social adverso, teve coragem para defender e praticar seu pensamento e manter com ele a coerência que então era possível.

Pensamos que de tudo quanto explanámos, resulta que, para a moderna geração, a consciencialização é, em todas as suas manifestações, incluída a literária, a tomada, por parte do caboverdiano, da consciência activa do processo histórico geral que nesta conjuntura o envolve em largo amplexo. Tal consciência apresenta dois momentos essenciais e correlacionados: *a)* O impulso inicial para se buscar a si mesmo como realidade étnica e cultural perdida no abismo da alienação; *b)* A reivindicação do condicionamento absolutamente necessário para que comece a realizar-se o encontro autónomo consigo mesmo.

Só a autenticidade é a lei lógica e ética que rege a génese e desenvolvimento dessa tomada de consciência. Recordamos aqui esta reflexão de J.-P. Sartre: «Se convirmos que o homem é uma liberdade em situação, conceberemos facilmente que esta liberdade possa definir-se como autêntica ou inautêntica, segundo a escolha que ela faça de si própria na situação em que surge. A autenticidade, é evidente por si, consiste em tomar uma consciência lúcida e verídica da situação, em assumir as responsabilidades e os riscos que tal situação comporta, em reivindicá-la no orgulho ou na humilhação, às vezes no horror e no ódio».

Estudando as manifestações literárias dos «novos», se encontramos alguns que ainda se situam dentro do campo gravitacional do Movimento Claridoso, mercê do enorme prestígio que este grangeou, vai-se, porém, formando e consolidando um grupo verdadeiramente representativo do que, neste trabalho, chamamos «Moderna Geração». Aqueles, embora não apresentem uma perfeita filiação ao Movimento Claridoso, enquanto afloram em suas criações instantes reivindicativos e procuram no terreno das questões práticas atitudes menos contemplativas que as dos claridosos, no entanto ainda estão afastados do grau de coerência pensante e actuante que caracteriza os elementos do último grupo.

Partindo da legitimidade dum critério de amostragem, passamos a considerar e a apreciar algumas das composições poéticas publicadas pelos novos.

O poema «Regresso», de Terêncio Anahory, ilustra a mentalidade dos novos que ainda não conseguiram de todo libertar-se da enorme influência da órbita claridosa:

*Deixem-no passar, por favor;
Ele vem cansado,
O seu caminho foi longo...*

*Desde manhã cedo
As aves que cantam
O sol e o prado
E a brisa do mar
Trouxeram com eles
O teu cartão de visita.*

Mas eu não queria visita anunciada...

*Podias entrar sem bater
Beber da minha água
E comer da minha comida.*

Descansa!

*...E enquanto adeja
Em volta de nós
Este sossego tranquilo
De um retorno desejado
Vou contar-te histórias
Para embalar o teu sono
Afugentar do teu pensamento*

*Roças, secas, sol ardente,
Fuba,
Terra-longe!*

O final do poema mostra, sem grande esforço de análise, um convite dirigido ao contratado caboverdiano para se refugiar no esquecimento de amarguras ligadas ao facto emigratório, cujas consequências o poeta reflecte na descrição do seu poema. Encerra este uma contradição que outra coisa não é senão a erupção literária espontânea duma posição ideológica que não leva a observação e análise dos factos às últimas consequências.

Para ilustrar um pensamento consequente e uma posição sem suspensões em seu desenvolvimento corajosamente

dinâmico, escolhemos o poema de Ovídio Martins, intitulado «Anti-Evasão»:

*Pedirei
Suplicarei
Chorarei*

Não vou para Pasárgada

*Atirar-me-ei ao chão
E prenderei nas mãos convulsas
Ervas e pedras de sangue
Não vou para Pasárgada*

*Gritarei
Berrarei
Matarei*

Não vou para Pasárgada

Este poema não só traduz uma atitude de activo inconformismo e de repúdio de situações decorrentes de uma ordem injusta, mas também é a denúncia da atitude contemplativa e idealista que constitui a essência da poesia evasão e se sublima no «Itinerário de Pasárgada» de Osvaldo Alcântara (Baltazar Lopes). O final de «Anti-Evasão» é a vinculação à acção consciente e reivindicativa com a aceitação total das consequências que ela implica, mesmo as havidas convencionalmente por ilegítimas.

Este cotejo permite-nos ver o problema da emigração de ângulos claramente distintos, que revelam, quando mais não seja, diferentes graus de intencionalidade agente num e noutro.

Mas não é só o evasão que oferece campo para se estabelecer um contraste extremado de posições. A vivência da problemática caboverdiana, entendida como conjunto

dos problemas da organização da sociedade insular, em todos os seus sectores e níveis de vida, e que vêm afligindo pelo sofrimento na própria carne as sucessivas gerações, é vasto campo onde a posição consequente e desmistificadora do grupo liberto das influências claridasas não se confunde com a daquelas que, embora de boa fé, ainda se deixam seduzir pelo canto da sereia. A estes últimos advertimos de que ainda é tempo de repensarem com coragem a tão falada actualidade do ideário claridoso. Espanta-nos que ainda se não tenham apercebido do que há de autêntica actualidade e consciência perfeita da necessidade da nossa participação no processo histórico envolvente, em criações do quilate de «Quando a vida nascer» de Mário Fonseca, «Hora» e «Cantá nha Povo» de Ovídio Martins, ou na poesia de Felisberto Vieira Lopes.

A síntese de consciencialização e a totalidade de força expressiva que Ovídio Martins encerrou em «Hora», poema formalmente tão curto, quase pirular, mostram definitiva tomada de posição e o grau de maturidade espiritual alcançado pelo grupo que caracterizamos com a expressão «Nova Geração».

Esta geração, a cujas fileiras esperamos se venham juntar valores como Gabriel Mariano, Aguinaldo Fonseca e Terêncio Anahory, pela razão da evolução crescente que acompanha a temática de sua poesia no sentido de uma consciencialização mais perfeita, dispõe já dum escol onde ressaltam nomes-promessas como os de: Abílio Duarte, Corsino Fortes, Rolando Martins, Amiro Faria, Dulce Almada, Dante Mariano e outros.

ESTA É A GERAÇÃO QUE NÃO VAI PARA PASÁRGADA.

Angola, 1963

BIBLIOGRAFIA

- Antologia da ficção caboverdiana contemporânea: Introdução de *Manuel Ferreira*; Comentário de *Aurélio Gonçalves*
- Ambiente — *Jorge Barbosa*
- Arquipélago — *Jorge Barbosa*
- Boletim «Cabo Verde» — *Imprensa Nacional de Cabo Verde*
- Cabo Verde visto por Gilberto Freyre — *Baltazar Lopes*
- Caderno de um ilhéu — *Jorge Barbosa*
- Caminhada — *Ovidio Martins*
- Chiquinho — *Baltazar Lopes*
- Chuva Braba — *Manuel Lopes*
- Clareza — N.ºs 1 a 9 (S. Vicente — Cabo Verde)
- Consciência literária caboverdiana — *Manuel Ferreira*, in *Revista de Estudos Ultramarinos* n.º 3
- Enterro de nha Candinha Sena — *António Aurélio Gonçalves*
- Itinerário de Pasárgada — *Oswaldo Alcântara*, in *Revista Atlântico* (edição SPN)
- Os flagelados do vento leste — *Manuel Lopes*
- Orfeu Negro — *Jean-Paul Sartre*
- Pródiga — *António Aurélio Gonçalves*
- Quando a vida nascer — *Mário Fonseca*, in «Cabo Verde» n.º 126
- Reflexões sobre a questão judaica — *Jean-Paul Sartre*
- Seroantropologia das Ilhas de Cabo Verde — Mesa Redonda sobre o homem caboverdiano — *Almerindo Lessa e Jacques Ruffié*
- Suplemento Cultural N.º 1 do Boletim «Cabo Verde»
- Temas caboverdianos — *Manuel Lopes*, in *Revista de Estudos Ultramarinos* n.º 3.

